

*Criação da Faculdade  
de Biblioteconomia da UnB  
1962-1967*



**Fundação Universidade de Brasília**

**Reitor** : Ivan Marques de Toledo Camargo  
**Vice-Reitora** : Sônia Nair Bão

**EDITORA**



**UnB**

**Diretora** : Ana Maria Fernandes

**Conselho Editorial** : Ana Maria Fernandes – *Pres.*  
: Ana Valéria Machado Mendonça  
: Eduardo Tadeu Vieira  
: Emir José Suaiden  
: Fernando Jorge Rodrigues Neves  
: Francisco Claudio Sampaio de Menezes  
: Marcus Mota  
: Peter Bakuzis  
: Sylvia Ficher  
: Wilson Trajano Filho  
: Wivian Weller

Universidade de Brasília  
Faculdade de Ciência da Informação  
Curso de Biblioteconomia

*Criação da Faculdade  
de Biblioteconomia da UnB  
1962-1967*

Organizadores:  
Maria Alice Guimarães Borges  
Marcilio de Brito



**Projeto “Memória dos 50 anos da Biblioteconomia na UnB”**  
**Livro: Criação da Faculdade de Biblioteconomia da UnB – 1962-1967**

***Equipe editorial***

<b>Gerente de produção editorial</b>	Marcus Polo Rocha Duarte
<b>Coordenação</b>	Profa. Dra. Maria Alice Guimarães Borges
<b>Membro</b>	Prof. Dr. Marcilio de Brito
<b>Revisão</b>	Rosa dos Anjos Oliveira
	Virginia Astrid de Albuquerque Sá e Santos
<b>Degração</b>	Vera Lúcia Campes da Silva
<b>Produção gráfica</b>	Andherson Reis
<b>Colaboradores</b>	A. C. Moraes de Castro
	Maurício Rondelli
	Cristina Guimarães
	Andhrea Tavares
	Alexandre de Lima Oliveira
	Miguel Ângelo Bueno Portela
<b>Projeto Gráfico</b>	Marcos Hartwich
<b>Diagramação e Arte-final</b>	José Miguel dos Santos

Copyright © 2015 by  
Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:  
Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,  
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF  
Telefone: (61) 3035-4200  
Fax (61) 3035-4230  
Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta  
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por  
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

---

Criação da Faculdade de Biblioteconomia da UnB : 1962-1967 / organizadores:  
Maria Alice Guimarães Borges, Marcilio de Brito. – Brasília : UnB/FCl, 2013.

406 p. : il.

ISBN: 978-85-230-1154-3

1. Biblioteconomia. 2. Universidade de Brasília. I. Borges, Maria Alice  
Guimarães. II. Brito, Marcilio de.

CDU 02(817.4)

---

“Não vivemos num mundo irracional ou destituído de significado. Ao contrário, existe uma lógica moral inerente à vida humana. Devemos encontrar uma forma de discutir o futuro da humanidade de maneira inteligível. A lei moral universal inscrita no coração de homens e mulheres é precisamente a ‘gramática’ necessária para que o mundo possa se engajar na discussão do seu futuro. A política dos países não pode ignorar a dimensão transcendental, espiritual da experiência humana”.

---

\* JOÃO PAULO II, Papa.  
*Mensagem de sabedoria e paz.* Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

(JOÃO PAULO II, 2005, p. 54)\*

*Participantes da disciplina Seminário em  
Biblioteconomia: Encontro de Saberes  
2011/2 – 2012/1*

***Professores***

Prof. Dra. Maria Alice Guimarães Borges (2011/2012)  
Prof. Dr. Marcilio de Brito (2012/1)  
Prof. Dra. Sofia Galvão Baptista (2011/2)

***Monitores***

Déborah Lins e Nóbrega  
Luiz Henrique Ferreira

***Alunos***

Allan Wanick Motta  
Amanda Salomão Werneck  
Bruna Guedes Martins da Silva  
Claúdio César de Oliveira Campos  
Érika Rayanne Silva de Carvalho  
Felipe Pessoa Santos  
Fernanda Miranda de Souza  
Fernanda Weschenfelder  
Flávia Nunes Sarmanho  
Janaina Soares Lopes Barbosa  
Jaqueline Taketsugu Alves da Silva  
Larissa Ferreira dos Angelos  
Larissa Herculano  
Luana Gomes Dias  
Luana Patrícia de Oliveira Porto  
Luiza Martins de Santana  
Luiza Moreira Camargo  
Mariana Bessa Mcdonnell  
Mariana Vasconcelos de Castro  
Mariana Brandão da Silva  
Nádia Galdino Freitas dos Santos  
Rebeca Araujo Mendes  
Thais da Silva Rodrigues  
Thiago Willian Barbosa de Oliveira  
Vivianne da Rocha Rodrigues

***Secretários***

Jaqueline Couto  
Reginaldo Olegario das Neves Alves

## Sumário

<i>Apresentação</i> .....	11
<i>Prefácio</i> .....	15
<i>Introdução</i> .....	19
Criação da UnB e do Curso de Biblioteconomia .....	19
por Maria Alice Guimarães Borges	
<i>Parte I – Primeiros Professores</i>	
<b>1</b> – Abner Lellis Corrêa Vicentini .....	53
por Murilo Bastos da Cunha	
<b>2</b> – Antônio Agenor Briquet de Lemos .....	79
Depoimento	
<b>3</b> – Astério Tavares Campos .....	105
por Tarcisio Zandonade	
<b>4</b> – Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti .....	125
por Adelaide Ramos e Côrte	
<b>5</b> – Edson Nery da Fonseca .....	145
por Luiz Antônio Gonçalves da Silva	
<b>6</b> – Etelvina Lima .....	179
por Virginia Astrid Albuquerque de Sá e Santos	
<b>7</b> – Myriam Mello Dulac .....	193
Depoimento	
<b>8</b> – Nice Menezes de Figueiredo .....	197
por Sueli Angelica do Amaral	
<b>9</b> – Rubens Borba de Moraes .....	229
por Suelena Pinto Bandeira	
<b>10</b> – Washington José de Almeida Moura .....	251
por Rosa dos Anjos Oliveira	

## *Parte II – Depoimentos Dos Primeiros Alunos*

<b>1</b> – Gilda Maria Whitaker Verri . . . . .	261
<b>2</b> – Maria Lúcia Dália da Costa Lima . . . . .	269
<b>3</b> – Angela Maria Cavalcanti Mourão Crespo . . . . .	273
<b>4</b> – Anibal Rodrigues Coelho . . . . .	279
<b>5</b> – Edna Gondim de Freitas . . . . .	287
<b>6</b> – Hérís Medeiros Joffily . . . . .	291
<b>7</b> – Lindáurea Daud . . . . .	295
<b>8</b> – Maria Alice Guimarães Borges . . . . .	299
<b>9</b> – Maria Stella de Andrade Mackay Dubugras . . . . .	307
<b>10</b> – Nelma Cavalcanti Bonifácio . . . . .	311
<b>11</b> – Neusa Dourado Freire . . . . .	315
<b>12</b> – Suelena Costa Braga Coelho . . . . .	323
<b>13</b> – Virginia Astrid Albuquerque de Sá e Santos . . . . .	327

## *Primeiros Funcionários*

<b>1</b> – Rosa Maria Monteiro Pessina . . . . .	335
Depoimento	

## *Anexo*

<b>A</b> – Ex-alunos formados em Biblioteconomia . . . . .	343
--	-----





Darcy Ribeiro na cerimônia de inauguração da  
Universidade de Brasília (UnB) (21/04/1962).  
A partir da esquerda: 2º Hermes Lima (sentado)  
3º Darcy Ribeiro (em pé, discursando).



Formatura da 1ª Turma de Biblioteconomia na Câmara dos Deputados (1967). A partir da esquerda: Nelma, Maria Alice, Virginia, Suelena Coelho (de óculos), Aníbal, Edna, Neusa. Ao fundo: Lindaurea, Maria Stella, Angela.

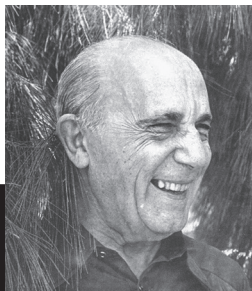


Formandos e professores no almoço de formatura da 1ª turma de Biblioteconomia da UnB (1967).

*Parte I*  
*Primeiros Professores*



Rubens Borba de Moraes (ao centro, sentado). Da esquerda para a direita: Em pé: Aníbal, Maria Alice Machado, Suelena Bandeira, Maria Yeda, Miriam Gusmão, Luiz Antonio, Angela, Regina Célia, Ignácia; Sentados: Nilcéia Amábilia, Normanda e Alcídia (de costas).



## 9 *Rubens Borba de Moraes* *por Suelena Pinto Bandeira*

A primeira vez que vi Rubens Borba de Moraes foi quando ele entrou em sala de aula para ministrar a disciplina História do Livro e das Bibliotecas. Elegante, em sua roupa bem talhada, perfumado sem exagero, simples e ao mesmo tempo imponente – tanto que sempre o vi como um homem alto e vigoroso – o que não era exatamente a realidade. Era baixo e estava um pouco acima do peso.

Descendente de bandeirantes, pelo lado materno de Manuel de Borba Gato, pelo lado paterno de Fernão Dias Paes Leme, nasceu na fazenda de seus avós, em Araraquara, em São Paulo, no dia 23 de janeiro de 1899.

Órfão de mãe desde cedo, começou seus estudos em casa, tendo o pai como professor. Mais tarde, aos nove anos, seu pai manda-o estudar, primeiro, na França e, depois, em Genebra, Suíça. À época, era mais barato estudar na Europa do que na capital de um Estado. Em Paris terminou o curso primário e, depois, seguiu para o Collège de Genebra, fundado por Calvino, para fazer o curso secundário. Ali moldou seu caráter, sua disciplina e seu amor aos livros. Diplomado pela Faculdade de Letras em Genebra, ele voltou ao Brasil em setembro de 1919.

Aproximou-se de Mário de Andrade, com quem a família mantinha laços quase familiares. “Vá procurar o Mário. Ele também gosta de literatura e entende de livros. Procurei o Mário e aí reatamos a nossa amizade, que durou até a morte dele, coitado” – disse ele em suas memórias. Chegado da Europa com uma grande coleção de livros modernos na bagagem, começou a difundir, emprestando para leitura e posteriores discussões, os livros de autores mais representativos, especialmente franceses, que estavam dando novo tratamento à literatura. Por sua vez, Mário de Andrade emprestava-lhe livros de literatura brasileira, de autores sobre os quais não possuía nenhuma informação.

Mário de Andrade reunia-se, às terças-feiras, com um grupo de amigos na sua casa. Foi uma época memorável, entre 1921 e 1923. Dele faziam parte, além de Rubens e Mário, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Menotti Del Picchia, Luiz Aranha, entre outros. Foi ali que nasceu o movimento modernista de São Paulo, ali foram discutidas as ideias, debatidos os princípios e estabelecida toda a ideologia do movimento. Esse movimento se cristalizou com a realização da Semana de Arte Moderna nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922. Foi considerada como a maior revolução estética de todos os tempos explodida em São Paulo, repercutindo em todas as áreas de manifestação artística (literatura, música, pintura, escultura, desenho, arquitetura) e em todo o País.

Rubens Borba dizia que a Semana começou de forma despreziosa. A primeira ideia era montar uma exposição de quadros de Di Cavalcanti, em dificuldades financeiras. Ampliou-se o movimento congregando pessoas que estivessem atuando em diferentes áreas artísticas. Rubens Borba, por ser o mais desocupado do grupo, segundo suas próprias palavras, ficou encarregado de fazer os contatos com os intelectuais, especialmente os do Rio de Janeiro. A Semana efetuou-se em noitada de glória no Teatro Municipal de São Paulo, animada por uma plateia que aplaudia e, na maior parte do tempo, vaiava. Rubens Borba não participou das festividades porque, nas vésperas, foi acometido de febre tifóide que o levou a ficar afastado da vida social por quase dois meses.

Em meados de 1922, no bojo da ideologia do movimento modernista – trazer o novo para o Brasil em termos de arte –, o mesmo grupo, o “grupo dos hominhos” numa clara alusão à faixa etária de seus componentes, criou a revista *Klaxon*, que em francês designa “buzina”, nome de indisfarçável inspiração futurista. Tudo nela denotava modernidade e se afastava do usual. Era uma criação coletiva, de responsabilidade coletiva, sem trazer a indicação de responsáveis por sua edição. Apareceu com o objetivo de difundir as ideias dos componentes do grupo ou que por eles fossem adotadas. Plínio Doyle afirma ter

sido Rubens Borba o homem-chave da revista: tudo fazia, tudo providenciava, tudo articulava – assinaturas, anúncios, colaborações.

Em 1924, associado a Tasso da Silveira, funda “Candeia Azul”, uma casa editora. Lançou três livros. A casa teve vida curta e encerrou-se quando o dinheiro acabou. Depois, lançou um jornal literário que se propunha a publicar nomes emergentes da literatura nacional. Chamava-se “Terra Roxa e outras terras”. Tudo era feito de forma amadorística e o jornal durou também até acabar o dinheiro de seus mantenedores.

Em 1924, uma revolução, o levante armado do tenentismo, eclodido em São Paulo, surpreendeu os cidadãos comuns e o grupo de literatos modernos que até ali haviam se ocupado somente com a revolução das artes. Esse grupo era composto por cerca de 12 pessoas, entre elas: Antonio de Alcântara Machado, Sérgio Milliet, Oswaldo e Mário de Andrade, Rubens Borba de Moraes, Prudente de Moraes, neto, Paulo Prado, José Mariano de Camargo Aranha, e liderado por Paulo Nogueira Filho. Iniciaram um movimento de idéias e formaram uma sociedade de discussões, conferências e artigos publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*, que visavam esclarecer a opinião pública sobre os problemas políticos nacionais e fazer com que o clamor dessa opinião interferisse nas decisões nacionais. A intenção era derrubar a oligarquia representada pelo partido da situação, o Partido Republicano Paulista (PRP), instituir o voto secreto, uniformizar a legislação e o sistema tributário. Queriam “modernizar” a política brasileira. A repercussão intensa e positiva evoluiu para a criação de um partido político. O Partido Democrático surgia como uma proposta liberal contrapondo-se aos propósitos governamentistas do PRP. O novo partido granjeou grande aceitação e viu filiar-se a seus quadros intelectuais, professores e políticos profissionais, mas, segundo Rubens Borba, “os políticos nos absorveram, fomos engolidos e nossas idéias de renovação se adaptando à realidade partidária.”

Participou como “conspirador”, em 1929, do movimento que desencadearia a Revolução de 1930: foi escalado a ir até Buenos Aires convidar Luis Carlos Prestes para chefiar o movimento. Não obteve êxito. Também ele não participou desse movimento porque não acreditava em seus ideais e, como ele mesmo recorda, estava mais interessado em amor.

Em fins de 1931, São Paulo enfrentava sérios problemas políticos. Os cargos mais importantes vinham sendo exercidos por pessoas estranhas à terra, o que causava grande incômodo aos paulistas. Juntamente com Tácito de Almeida e com a adesão de Alfredo Ellis Júnior resolveram fundar a Liga de Defesa Paulista. Para isso organizaram comícios, conferências e distribuíram panfletos à população, visando preparar a opinião pública para o separatismo.



Em 1932 fundaram um tablóide, *O Separatista*, e, em seu primeiro número, conclamavam a população a abraçar a causa. Rememorando o movimento, afirmava estar animado por um sentimento de revolta contra o governo provisório, que “tratava o estado como terra inimiga e conquistada”. Com a Revolução de 32, a Liga de Defesa Paulista organizou um batalhão para combate. Como primeiro-tenente foi para Cunha, no vale do Paraíba, e ali lutou até a capitulação ante as forças legalistas.

A derrota das forças paulistas levou-o a repensar a realidade nacional e concluiu que o problema do Brasil era de educação, instrução propriamente dita. O que se necessitava no País era incentivar um programa de formação, no qual, ao lado da cultura, se enquadrasse a formação técnica. Em 1934 existiam em São Paulo algumas faculdades – Medicina, Direito, Farmácia, Odontologia, Politécnica – todas voltadas para uma formação especializada. O que propunha era uma escola onde se aprendessem as ciências comportamentais, que estudavam o homem de forma mais abrangente, identificando as variáveis que interferem no desempenho humano.

Isso levou-o a idealizar, junto com Ciro Berlinck, Antonio Carlos Couto de Barros, Tácito de Almeida e Sérgio Milliet, uma escola onde se estudassem as novas ciências – Sociologia, Política, Estatística – que não eram estudadas no País. Com o apoio financeiro de Roberto Simonsen, fundou a Escola Livre de Sociologia e Política “cujo nome era um programa e uma revolução no ensino, uma nova visão do Brasil”, conforme dito por ele numa entrevista feita pelo Museu da Imagem e do Som, em São Paulo, em 1981. Tamanho sucesso fez a escola que, quando da criação da Universidade de São Paulo (USP), Armando Sales de Oliveira a incorporou àquela Universidade como instituto complementar, em reconhecimento a sua importância.

Acabada a revista *Klaxon*, foram todos cuidar da vida, ele inclusive. Fez concurso para o Itamarati, onde foi reprovado em inglês. Então, resolveu comprar um emprego, como era costume na época. Por trinta contos de réis comprou um emprego na Recebedoria de Rendas do Estado. Acabou se interessando pelo serviço e montou um sistema mecanizado de arrecadação. A receita passou a ser controlada mecanicamente e não através de recibos escritos à mão.

Somente em 1935, o projeto de criação de um órgão financiado pelo Estado se concretizou. Fábio Prado assumiu a prefeitura da cidade de São Paulo e, convencido por seu primo Paulo Prado, criou o Departamento de Cultura e de Recreação, dando sua direção ao escritor Mário de Andrade. Fruto de inspiração do mesmo grupo de modernistas da Semana de Arte Moderna, seria uma organização brasileira, de estudos de coisas brasileiras e de sonhos brasileiros.

O projeto desse Departamento previa a implantação de sistema de parques infantis, restauração e publicação de documentos históricos, teatros, bibliotecas, campos de atletismo, estádios, piscinas, estação de rádio. Para estruturar a parte referente ao setor de bibliotecas foi chamado Rubens Borba, conhecido como “devorador de livros”.

A Divisão de Bibliotecas organizava-se em duas seções. A primeira encarregava-se de vários serviços: classificação, catalogação, fichamento e arquivo; de consulta, referências, informações bibliográficas e traduções; de revistas e jornais; biblioteca infantil; brasileira e gravuras, documentos, manuscritos e mapas. À outra seção ficaram os serviços afetos à limpeza, zeladoria, expediente, portaria, almoxarifado, depósito, encadernação e conservação.

Tão logo assumiu, colocou em execução o plano que havia idealizado para o desenvolvimento da Biblioteconomia de São Paulo – o sistema municipal de bibliotecas. Esse plano, denominado Plano Bibliotecário, era dividido em sete itens:

- Construção de um moderno edifício para a Biblioteca Pública Municipal.
- Criação de uma biblioteca infantil com a instalação de cinema e mobiliário especial, no prédio da Biblioteca.
- Criação de uma biblioteca de jardim, por meio de automóvel-biblioteca.
- Criação de bibliotecas de bairro.
- Fusão da Biblioteca do Estado com a Biblioteca Pública Municipal de São Paulo.
- Criação de uma escola de Biblioteconomia.
- Legislação bibliotecária especial.

Ainda contemplava a organização completa dos serviços técnicos, adoção de esquema de expansão bibliotecária, a formação de pessoal habilitado e cooperação com outros institutos.

Deu início a seu plano, modernizando e ampliando o acervo e estruturando os processos técnicos. Não havia regras de catalogação, não havia critérios, não havia política nem diretrizes. Implantou serviços técnicos de tombamento, registro, catalogação e classificação. Elaborou e organizou catálogos, centralizou o processo de aquisição e os serviços de catalogação e classificação. Promoveu um extenso programa de aquisições, modernizando o acervo e adquirindo livros raros e preciosos, de forma a enriquecer a seção Brasileira.

Para a construção do prédio, foi desapropriado um terreno para ali ser instalada a Biblioteca Municipal, hoje Biblioteca Municipal Mário de Andrade. O projeto, executado pelo arquiteto francês Jacques Pilon, obedecia aos princípios da arquitetura moderna e funcional para os padrões da época. Um recuo de dez a vinte metros do alinhamento das ruas circundantes assegurava não só a tranquilidade ao ambiente interno como também a existência de um jardim à volta do edifício. As janelas e portas ocupavam toda a altura da parede proporcionando iluminação natural. O vestíbulo era destinado a abrigar exposições. Os pisos e demais dependências eram revestidos de borracha, visando amortecer o barulho. Dispunha ainda de um pequeno auditório para conferências, dotado com aparelhos de cinema sonoro.

A idéia do governo era dotar a cidade da maior biblioteca pública do País, que pudesse abrigar toda a população que a ela recorresse. O início da construção deu-se em maio de 1938, com prazo previsto para durar 18 meses. As obras foram paralisadas por 3 anos. Começou a funcionar efetivamente em abril de 1943.

A biblioteca infantil teve sua sede instalada numa casa alugada e adaptada. O acervo especializado constituía-se de obras nacionais de literatura e de boas traduções, de histórias, de figuras, revistas educativas e recreativas, de mapas, gravuras, selos e moedas e também era facultado o empréstimo domiciliar. Foi um sucesso de público.

A biblioteca de jardim, ou de parque, ou ambulante, funcionava como uma extensão ao desenvolvimento das atividades previstas para a Biblioteca. Num chassis doado pela fábrica de automóveis Ford, adaptou-se uma carroceria onde foram instalados livros, jornais e revistas. Estacionava cada dia numa praça pública, oferecendo aos usuários daqueles locais seu acervo. A idéia central era fomentar o interesse do leitor pelo livro e disseminar o uso da biblioteca. Pretendia ser um trabalho de *marketing*. Pelo ineditismo da idéia, esse serviço foi motivo de fortes críticas da oposição. Chegou a ser considerado um “escândalo”, por emprestar livros, material comprado com dinheiro público, sujeito a roubos, destruições, desvios. O sistema de levar leitura aos parques não obteve o retorno pretendido. O carro-biblioteca foi desativado em 1942 pelo prefeito Prestes Maia sob a alegação de que o automóvel ficava “imobilizado e imobilizando horas a fio dois funcionários a 15 metros da biblioteca-sede, proporcionando romances policiais a uma dúzia de vagabundos escanchados nos bancos da Praça da República, justamente nas horas de trabalho da população”. Embora não tenha sido bem aceita na época, a idéia acabou sendo adotada posteriormente em várias cidades brasileiras.

A ideia de criação de bibliotecas de bairro, ou uma rede de bibliotecas era suprir a população, e principalmente as classes operárias, com serviços de biblioteca, criar salas de leitura em bairros como Brás, Belenzinho, Mooca, Vila Mariana, Lapa, Bom Retiro, Ipiranga, todos com forte concentração operária. Baseado em estudos de densidade demográfica e tipo de população e em diversas variáveis – concentração populacional, acervos, localização, tipos de bibliotecas, públicos-alvo – ficou estabelecido o número de bibliotecas a serem instaladas em dez bairros da cidade. Com esse número, praticamente toda a cidade estaria atendida. Os dez bairros correspondiam aos que abrigavam maior contingente de fábricas e de operários. A grande inovação era a filosofia do sistema, tendo a Biblioteca Pública Municipal como a coordenadora do sistema. A ela caberia a superintendência das demais e a centralização dos serviços técnicos. Previam-se a implantação de um serviço de orientação à leitura e empréstimo domiciliar, cursos de vulgarização e conferências, além da criação de uma associação de caráter educativo, embrião das modernas associações de bairro. Todas teriam uma seção destinada ao público infantil.

Infelizmente o sistema não foi implantado. Com a mudança administrativa, o Departamento de Cultura sofreu um processo de esvaziamento. Não havia mais verbas nem interesse político em prestigiá-lo. Esse projeto só foi viabilizado a partir de 1952, mas sem atender aos princípios recomendados pelo plano de seu criador.

A Lei nº 2.839, de 5 de janeiro de 1937, em suas Disposições Gerais e Transitórias, determinava a transferência da atual Biblioteca Pública do Estado para o Município da Capital. Essa incorporação era um item de um plano maior. Os municípios ficariam responsáveis pelas bibliotecas não especializadas, difundidoras de conhecimentos gerais sem fins determinados. Ao Estado caberiam as bibliotecas universitárias e as dos institutos de cultura e de pesquisa científica. A biblioteca estadual foi fechada e seu acervo transferido para um depósito, enquanto não se construía o prédio.

Em 1936, através do Ato 1146, a Prefeitura da cidade de São Paulo determinou que cabia à Divisão de Bibliotecas a criação de um curso de Biblioteconomia. O primeiro curso no Brasil foi instituído em 1911 e implementado a partir de 1915 pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Diferentemente do curso desta, que somente atendia aos seus servidores, o da Prefeitura de São Paulo destinava-se a todo o público que se interessasse. Criado para ser um curso, transformou-se numa escola. Sua abrangência levou-o a ser considerado como a primeira escola regular de Biblioteconomia no Brasil e uma das primeiras da América Latina.

Quando fundou a escola, Rubens Borba tinha em mente preencher uma lacuna existente no Brasil. Não havia bibliotecários e as bibliotecas eram gerenciadas por pessoas, geralmente intelectuais, que gostavam de livros. Como dizia Paulo Duarte, todo bacharel malgrado que não ia ser professor ia ser bibliotecário. A escola mantida pela Prefeitura seguia orientação americana, voltada para a organização e administração de bibliotecas, com ênfase no desenvolvimento dos processos técnicos. Com recursos da American Library Association, estabeleceu um programa de concessão de bolsas de estudo, beneficiando Rubens Borba, que se especializou em organização e administração de bibliotecas e fez estágio em várias cidades nos Estados Unidos, principalmente Indianápolis.

Os dois professores Adelpha Figueiredo e Rubens Borba, além de executarem os trabalhos da biblioteca, se revezavam em ministrar as disciplinas do curso. No período de 1936 a 1938, a escola formou 86 bibliotecários, entre os 295 alunos matriculados.

Quando, em 1939, Prestes Maia assumiu a Prefeitura, ele desativou a escola por entender que não cabia ao município subvencionar uma escola de Biblioteconomia. Inconformado com o fechamento, Rubens Borba de Moraes recorreu a Ciro Berlinck e conseguiu que a Escola Álvares Penteado abrigasse o curso, cedendo-lhe as instalações. Agora como instituição particular, ela foi anexada à Escola Livre de Sociologia e Política, sob a direção de Rubens Borba e com a colaboração dos professores do curso da Prefeitura, que o acompanharam.

Para a consolidação da escola foi fundamental o apoio da Fundação Rockefeller. Durante cinco anos proveu-a com recursos financeiros para sua manutenção e funcionamento. Essa subvenção possibilitou a contratação de pessoal qualificado e de funcionários, a aquisição de livros e de equipamentos. Mais ainda, proporcionou a concessão de bolsas de estudo, para que alunos de outros Estados viessem a São Paulo estudar Biblioteconomia. Desse grupo cabe destacar Etelvina Lima, que praticamente criou a Biblioteconomia em Minas Gerais; Bernardete Sinay Neves, que fundou a escola na Bahia; Maria Luiza Monteiro da Cunha e Heloisa de Almeida Prado, em São Paulo. Tal processo facilitou a disseminação da Biblioteconomia em São Paulo.

O desenvolvimento da escola fundada por Rubens Borba proporcionou a instalação de novas escolas, criadas pelos alunos de outros Estados que lá se formaram. Com o tempo, essas escolas foram se incorporando às universidades que iam sendo criadas.

Hoje existem mais de trinta cursos de Biblioteconomia, distribuídos em todas as regiões brasileiras e muitos cursos de pós-graduação, com concentração

em áreas tão diferenciadas quanto sua clientela: bibliotecas públicas, escolares, universitárias, infantis, planejamento e administração, centros e serviços de documentação e informação com atendimento cada vez mais especializado.

Cansado de ver as bibliotecas serem administradas por pessoas alheias ao trabalho biblioteconômico, tendo como justificativa de escolha somente o pendor de ler e gostar de livros, Rubens Borba resolveu que somente com amparo legal essa situação poderia ser revertida. Tentou e conseguiu impor medidas legais, a nível municipal, que protegiam os serviços e os profissionais bibliotecários da concorrência de pessoal não habilitado. A Lei nº 2.839, de 5 de janeiro de 1937, estabeleceu a competência de gerenciamento de bibliotecas, criou o Conselho Bibliotecário do Estado, o serviço do catálogo coletivo das bibliotecas paulistas, tratou do provimento de cargos públicos em bibliotecas e promoveu a fusão da biblioteca estadual com a municipal.

O Conselho era o órgão coordenador de todos os trabalhos relativos a biblioteca no Estado de São Paulo, a nível estadual e municipal. A ele cabia servir de órgão consultivo em questões técnicas e coordenar os esforços de todas as bibliotecas paulistas para a realização de uma obra comum e de grande valor: o catálogo coletivo das bibliotecas paulistas, o primeiro no gênero a se tentar fazer no Brasil. O Conselho tinha ampla autonomia nas suas decisões fossem elas de ordem técnica ou administrativa. Arbitrava salários de seu pessoal, inclusive gratificações, estabelecia o *quantum* de verbas seria necessário ao seu funcionamento e de subvenção de material técnico às bibliotecas da rede e fiscalizava os serviços executados. Subordinado ao Conselho foi criado o serviço do catálogo das bibliotecas paulistas, que tinha como finalidade centralizar os repertórios de todas as bibliotecas paulista num único catálogo, tecnicamente organizado. A primeira atividade do Conselho foi estudar a padronização das fichas catalográficas. Sem fixar regras de catalogação, determinava o número mínimo de informações que cada ficha deveria conter, bem como a ordem e o lugar onde deveriam figurar.

A legislação bibliotecária, moderna até os dias atuais, era um enorme passo em defesa da profissão, acabando com a situação das bibliotecas serem gerenciadas e administradas por pessoas não qualificadas. Por motivos fáceis de entender, gerou inúmeros protestos. Os burocratas fizeram uma gritaria louca contra a lei. O Conselho durou um ano. Somente em 1943 é que pessoas ligadas à área resolveram criar um novo Conselho, agora de Bibliotecas e Museus.

A primeira associação de representantes da classe bibliotecária surgiu em 1938, fundada por Rubens Borba. A Associação Paulista de Bibliotecários (APB) representou o primeiro passo em direção ao movimento associativo, na área

de Biblioteconomia. Foi criada para seguir, basicamente, a American Library Association. Pretendia agir como grupo de pressão e tinha como meta promover o aprimoramento cultural do bibliotecário, com a promoção de cursos, ciclo de palestras e conferências, versando sobre história geral, literatura, crítica literária, tendências da arte em geral. A idéia era colocar o bibliotecário a par das novidades surgidas na profissão. Prestava serviços aos profissionais trabalhadores em bibliotecas editando manuais de normas e regras. Foi editado um pequeno código de catalogação, contendo as normas básicas daquela técnica, um guia de classificação decimal e um manual de terminologia biblioteconômica.

A associação paulista serviu de modelo para a criação de outras associações em vários Estados brasileiros. Atualmente sindicatos vêm sendo criados substituindo o papel das associações. Parece ser consensual que às associações cabe a defesa do exercício profissional visando ao entrosamento com outros segmentos, enquanto os sindicatos têm o papel político de servir de elemento de persuasão junto aos dirigentes das instituições, de propor e lutar por salários mais justos e trabalho digno.

Coincidindo com a volta de seu curso nos Estados Unidos, Rubens Borba encontrou nova realidade política e administrativa. Prestes Maia era o novo prefeito nomeado e, segundo Rubens Borba, veio com “uma gana de destruição contra o Departamento de Cultura inacreditável, destruindo tudo, fechando tudo, convencido que havia por lá grossas comedeiras”. Uma comissão de inquérito foi instalada e nada ficou comprovado. Ele, então, questionou a validade das atividades desempenhadas e serviços oferecidos à comunidade pelo Departamento, começando por desativá-las ou desacelerando a sua execução. Afastou Mário de Andrade da sua direção e lentamente começou o processo de desagregação de um órgão que havia lançado bafejos de modernidade na cultura nacional. O senhor Prestes Maia, como desabafa Paulo Duarte, nunca compreendeu o Departamento de Cultura. Injetou curare nele. Tirou-lhe os movimentos sem tirar a sensibilidade para a dor. Acabou com a Divisão de Expansão Cultural e suas seções, revogou a lei que permitia a construção da Casa da Cultura, dissolveu o conselho técnico que assessorava as seções de Teatro e Cinema e Salas de Concerto e matou a Sociedade de Folclore.

Quanto à Divisão de Bibliotecas, o prefeito fez objeções a quase todos os projetos em desenvolvimento e aos em via de realização. Desativou a biblioteca ambulante, encerrando as atividades do carro-biblioteca e suspendeu o curso da escola de Biblioteconomia por entender que à Prefeitura não competia fomentar escolas técnicas. A obra do prédio da biblioteca foi poupada pela existência de

uma multa contratual altíssima – 500 contos de réis – em caso de desistência do contratante, mas fez diversas alterações no projeto. Trocou também as chefias: entrava Rubens Borba para a Divisão de Documentação Histórica e Social e, para ocupar a Divisão de Bibliotecas, Sérgio Milliet. Embora divergindo de suas idéias, Rubens Borba sempre reconheceu no prefeito sua integridade moral, a honestidade e a energia de um político que sabia resistir às pressões e à politicagem. Quase um ano depois foi colocado à disposição do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

Esse episódio encerrou sua participação profissional em São Paulo. Só voltaria a atuar naquela cidade em atividades particulares de pesquisa e através de serviços de consultoria.

Em 1941, ao assumir o Ministério do Trabalho, Marcondes Filho percebeu que a biblioteca daquele órgão estava desorganizada e desatualizada. Então, convidou Rubens Borba para organizá-la. Levando dois auxiliares, Washington Moura e Irene Menezes Dória, iniciou o trabalho.

Por sua vez, em 1945, Gustavo Capanema estava muito preocupado com a situação em que se encontrava a Biblioteca Nacional, e, seguindo o conselho de seu chefe de gabinete, Carlos Drummond de Andrade, mandou preparar um documento que identificasse os problemas encontrados e apontasse possíveis soluções. Rubens Borba de Moraes apresentou, em março de 1945, o “Relatório do Diretor da Divisão de Preparação da Biblioteca Nacional ao Ministro da Educação e Saúde”, em que se reportava, entre outras informações, a quatro itens: conservação das coleções, serviços, conservação do prédio e pessoal. Conclusivamente, recomendava completa reforma da instituição, quanto a pessoal, instalações e acervo. O ministro Capanema assombrou-se de tal forma com o teor do documento que resolveu não divulgá-lo, preocupado com a repercussão que poderia ter. A opinião pública só veio a tomar conhecimento do relatório quando este foi publicado pela *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, em 1974.

Resolvido a alterar aquele estado de coisas, o ministro Capanema acatou as recomendações feitas pelo relator não só quanto ao plano de reestruturação da biblioteca, mas também em relação a uma assessoria a ser prestada por técnicos americanos. Definidos os serviços a serem implementados – reorganização geral dos serviços, catalogação, classificação e conservação de livros raros, a pedido do ministro, e sob os auspícios da Fundação Rockefeller, foram indicados três técnicos americanos para ajudar na tarefa. Baseado nas sugestões dos técnicos, Rubens Borba apresentou ao ministro a seguinte proposta de reorganização administrativa: Divisão dos Cursos da Biblioteca Nacional, Divisão de



Administração, Divisão de Aquisição, Divisão de Catalogação e Classificação, Divisão de Circulação e a Divisão de Serviços Especiais. Essa estrutura se manteve por cerca de 20 anos.

Nomeado diretor da Biblioteca Nacional em 21 de dezembro de 1945, o plano de trabalho de Rubens Borba de Moraes para 1946 compreendia cinco etapas: reorganização técnica de todo o acervo; recatologação de todo o acervo, baseada em normas e princípios universalmente adotados; criação de um serviço especial para livros raros; limpeza e desinfecção de livros; e, reforma do prédio e instalações para o público. Cada uma dessas etapas está minuciosamente descrita em seus desdobramentos no referido relatório.

Parece claro que, ao mesmo tempo em que empreendia a reforma, Rubens Borba tirou partido do fato, fazendo chegar ao conhecimento público a situação da Biblioteca. Matérias publicadas nos jornais detalhavam o estado de abandono em que se encontrava a Biblioteca Nacional e falavam das providências que estava tomando para acabar com aquela situação caótica. A reforma abrangia não só os serviços, mas a reestruturação administrativa, ou seja, pessoal. Foram feridos muitos interesses de pessoas que lá se encontravam colocadas, muitas vezes, por interveniência de “padrinhos” influentes. O descontentamento foi grande e uma campanha, discreta no início, foi engendrada para desalojá-lo do cargo. Ele recorda que sofreu a mais sórdida oposição, com telefonemas, cartas anônimas e até despacho de macumba colocado em sua mesa de trabalho. Iniciou-se, por meio de artigos de jornais, uma briga pública entre ele e o antigo diretor, a quem sucedera.

Embora todos esses percalços, a reforma continuou e, no final de 1946, a Biblioteca reabriu suas portas, com novas instalações. Mas seu tempo na Nacional estava contado. Em dezembro de 1947, segundo ele próprio, o diretor-geral do Ministério mandou chamá-lo e, constrangido, disse-lhe que precisava do cargo para oferecê-lo a outra pessoa, indicada ao ministro por um político. Em depoimento ao Museu da Imagem e do Som, Rubens Borba de Moraes revela que sua passagem pela Biblioteca Nacional foi a experiência mais frustrante da sua vida e que, muitos anos depois, quando Janice Monte-Mor foi designada para diretora, encontrou-a quase no mesmo estado de abandono e descaso em que ele a havia encontrado quase trinta anos antes.

Estranhamente, sua administração não ficou registrada nos documentos da instituição. Seus relatórios não constam nos Anais da Biblioteca Nacional. Todo o período da sua gestão não está documentado.

A saída de Rubens Borba da Biblioteca Nacional alimentou o noticiário por alguns dias. Houve protestos de alguns intelectuais e discursos inflamados

na Assembléia Legislativa. Alguns correspondentes internacionais, que cobriam a cidade do Rio de Janeiro, também noticiaram o fato. As matérias jornalísticas referiam-se ao fato de a substituição ter ocorrido por problemas políticos internos brasileiros. A notícia se propagou no meio bibliotecário norte-americano, já que ele era uma pessoa bastante conhecida por lá. Duas instituições ofereceram-lhe emprego. A União Pan-Americana, para dirigir seu serviço de cultura, em Washington, e a Organização das Nações Unidas (ONU), para ser bibliotecário-adjunto de sua biblioteca em Nova Iorque. Aceitou a segunda proposta, indo trabalhar com Carl Milam, considerado um expoente da Biblioteconomia americana. Em Nova Iorque, como dizia, aprendeu a dirigir bibliotecas, mas, por problemas particulares, pleiteou um posto em Paris pela Unesco. Entretanto, a própria ONU ofereceu-lhe o cargo de diretor do Centro de Informações em Paris. Além de ser o posto mais alto da carreira e ser em Paris, cidade que o encantava, foi para lá com todas as regalias e “mordomias” diplomáticas, pois era também o representante do Secretário-Geral das Nações Unidas junto ao governo da França, Bélgica e Luxemburgo.

A experiência foi nova e diferente de tudo quanto havia feito antes. Deixava o trabalho de biblioteca para se dedicar ao jornalismo internacional, o mundo das informações sobre política. Seu serviço consistia em fazer a publicidade da ONU junto aos órgãos de comunicação e aos meios culturais, fazendo palestras e conferências nas universidades dos países que representava. Mais tarde, em face do crescimento do organismo, foi-lhe oferecida a direção da biblioteca em Nova Iorque. Ali deveria acumular as funções técnicas do cargo com os serviços burocráticos da ONU. A biblioteca que lhe competia dirigir estava muito bem organizada, mas ele resolveu adaptá-la a uma nova política. O acervo deveria ser voltado para os fatos da atualidade, sua função seria a de atender prontamente às necessidades informacionais dos corpos técnico e diplomático, provendo-os de dados atualizados para a tomada de decisão. Assim, o acervo seria rotativo, corrente e de caráter imediato. Ficou seis anos no cargo, até a idade limite da aposentadoria.

Quando voltou a São Paulo, veio resolvido a nunca mais trabalhar com horários a cumprir, principalmente levantar cedo, mas a Universidade de Brasília (UnB) não ia desistir dele. Já há algum tempo vinha tentando contar com sua colaboração profissional. Em carta datada de 14 de novembro de 1963, o então reitor da UnB, professor Anísio Teixeira, convidou-o para exercer o cargo de coordenador da Biblioteca Central. Em 11 de março do ano seguinte, o vice-reitor, professor Almir de Castro teve seu convite aceito para que Rubens Borba integrasse o Conselho Consultivo da Biblioteca Central. Mais tarde, como ele mesmo conta, “pelas mãos amigas do professor Edson Nery da Fonseca e do reitor Zeferino Vaz”, foi convidado a dar um curso de três meses.

Como professor, tinha a preocupação de desmistificar o livro antigo para os alunos que, ante um exemplar demonstravam ou respeito exagerado ou absoluto desprezo. Seu curso – tanto em História do Livro quanto em Referência, disciplinas que lecionou na UnB –, era dividido em duas partes: uma técnica e outra cultural. Alertava que a técnica não fosse confundida com a cultura. O bibliotecário, além de técnico deveria ter um lastro de cultura geral, mas, sobretudo, deter um conhecimento vasto e profundo da história do livro.

Em sua experiência em Brasília, deu-se conta do hiato entre sua geração e a de seus alunos: o que lhes procurava dar – “os meios de desenvolver o espírito crítico e guiá-los pela leitura e o estudo nos caminhos que levam à cultura” – não era o que esperavam de um professor.

Sua contribuição à UnB não se restringiu à docência. Participou da reformulação dos planos de construção do atual prédio da Biblioteca Central, juntamente com os professores Antônio Agenor Briquet de Lemos, Edson Nery da Fonseca e Elton Eugênio Volpini, bem como os arquitetos José Galbinski, Walmir Santos Aguiar, Jodete Rios Sócrates e Miguel Alves Pereira.

Participou, ainda, do Conselho Editorial da Editora da Universidade, como conselheiro, desde sua instalação em 31 de janeiro de 1969 até 1972, ano em que se desligou da instituição.

Sua vivência em Brasília foi muito gratificante e conheceu um outro Brasil, mas aos 73 anos de idade estava cansado da lida e dos compromissos.

A UnB outorgou-lhe o título de Professor Emérito, a primeira pessoa a quem se deu esse título. Em sua fala de agradecimento disse:

Não há dúvida que esta Universidade continua na vanguarda. A prova disso é que concede, pela primeira vez neste país, um título tão alto ao um professor de Biblioteconomia. Até há poucos anos, essa ciência era olhada com desconfiança, comentada com ironia, julgada inútil e indigna de fazer parte do currículo universitário. Quebrando mais esse tabu, Vossas Excelências reconhecem o valor da técnica de informação e da Biblioteconomia no mundo de hoje.

Voltou para São Paulo. Foi morar numa casa que construiu em Bragança Paulista, no meio de uma mata com pássaros e bichos. Foi seu momento de jogar fora o despertador, de reler livros, colecioná-los com critério, como fez a vida inteira, e escrever o que mais gostava – bibliografias. Morreu aos 87 anos de idade.

A lição que Rubens Borba de Moraes nos deixa, para muito além do limite da Biblioteconomia, da bibliofilia e da bibliografia, faz-nos crer que o entusiasmo, a competência e o amor ao trabalho são os fatores que impulsionam

o homem para que este se faça dono do próprio destino, e, como tal, útil a seus contemporâneos e modelar para quem vem depois. Fundador de cursos e reformador de bibliotecas, Rubens pode servir de exemplo. Se os problemas agora são outros, as soluções passam pela mesma acuidade de visão e pela mesma determinação. Nesse aspecto, os pioneiros não envelhecem.

---

**SUELENA PINTO BANDEIRA** é bibliotecária, formada pela Universidade de Brasília (UnB). Trabalhou no Ministério das Minas e Energia, no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) e na Câmara dos Deputados, como Diretora do Centro de Documentação e Informação. Fez mestrado em planejamento de sistemas de informação na UnB, onde apresentou a dissertação *A paixão que vem dos livros: um estudo biográfico sobre Rubens Borba de Moraes*.

## Anexo 1

### *Bibliografia seletiva de Rubens Borba de Moraes sobre biblioteconomia, documentação e ciência da informação*

(ordem cronológica)<sup>1</sup>

MORAES, Rubens Borba de. *Discurso de inauguração das novas instalações da Biblioteca Nacional*. [S.l.: s.n., 194-]. 2 p. [Apresenta os resultados dos trabalhos realizados ao Presidente da República, Ministro da Educação e demais autoridades presentes no ato].

MORAES, Rubens Borba de. *Remodelação na casa dos livros e das traças*. *O Globo*, Rio de Janeiro. 5. d. [Sobre a reabertura da Biblioteca Nacional depois de um mês fechada para reforma].

MORAES, Rubens Borba de. Uma notável biblioteca de livros antigos sobre o Brasil e as raridades que possuem. *Correio da Tarde*, São Paulo, 23 out. 1931. [Comentários de Rubens Borba de Moraes numa observação ao pé do artigo: “o repórter atrapalhou tudo, me atribui besteiras que eu não disse”].

MORAES, Rubens Borba de. Uma bibliographia latino americana. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 mar. 1939. [Lançamento do *Handbook of Latin American studies* como um acontecimento auspicioso no desenvolvimento da cultura sul-americana].

---

<sup>1</sup> Retirada de (com adaptações): BANDEIRA, Suelena Pinto. *A paixão que vem dos livros: um estudo biográfico sobre Rubens Borba de Moraes*. 1990. 308 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação)—Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Departamento de Biblioteconomia, Universidade de Brasília, Brasília, 1990. Orientação: João Evangelista de Andrade Filho.

MORAES, Rubens Borba de. A América descobre o Brasil. *O Estadão*, São Paulo, 16. out. 1939. [De como o Brasil poderia ser mais conhecido nos Estados Unidos e a propósito do congresso bibliotecário realizado na Universidade de Michigan em julho de 1939].

MORAES, Rubens Borba de. São Paulo terá sua biblioteca central. *Planalto*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 17, 15 maio 1941. [Conversa com Rubens Borba de Moraes sobre a Biblioteca Municipal, seu novo prédio, o plano bibliotecário, a escola de biblioteconomia e as reações do público].

MORAES, Rubens Borba de. A lição das bibliotecas americanas. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. 84, p. 197-208, jul./ago. 1942. [Sobre a organização e administração das bibliotecas americanas].

MORAES, Rubens Borba de. *O problema das bibliotecas brasileiras*. Prefácio de Gilberto Freyre. Apresentação de Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943. 64 p. [Outras edições: 2. ed. Brasília: ABDF, 1983. 37 p. Contém o discurso de abertura do 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD)].

MORAES, Rubens Borba de. Três redes diferentes de bibliotecas públicas. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 15 dez. 1944. [Rubens Borba de Moraes expõe problemas e propõe soluções para a reorganização de bibliotecas. Diferença entre bibliotecas para leitores comuns, para estudo e para pesquisadores].

MORAES, Rubens Borba de. Bibliotecas em todos os bairros. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 1 e 10, 3 jan. 1946. [Sobre a reorganização e atualização dos serviços da Biblioteca Nacional e o programa de bibliotecas para o Rio de Janeiro].

MORAES, Rubens Borba de. A tarefa que a atual direção da Biblioteca Nacional tem de enfrentar: refazer tudo numa biblioteca de 1 milhão de volumes e de centenas de milhares de manuscritos e gravuras. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 7 abr. 1946. Segunda Secção, p. 1 e 6. [Afirma serem necessários “8 anos de trabalho duro e intenso” para recuperar a Biblioteca Nacional].

MORAES, Rubens Borba de. Completa reforma da Biblioteca Nacional. *Folha Carioca*, Rio de Janeiro, 4 dez. 1946. [Sobre a reabertura da Biblioteca Nacional em dezembro de 1946].

MORAES, Rubens Borba de. Biblioteca Nacional: inauguradas as novas dependências com a presença do Sr. Presidente da República. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 10 dez. 1946. [Os discursos proferidos pelo diretor da Biblioteca Nacional, Rubens Borba de Moraes, e Professor Souza Campos, interino].

MORAES, Rubens Borba de. Remodelação da Biblioteca Nacional: abertas ao público as novas instalações. *O Estadão de São Paulo*, São Paulo, 10 dez. 1946.

MORAES, Rubens Borba de. Já se pode ler, meditar na Biblioteca Nacional. *Vanguarda*, Rio de Janeiro, p. 6 e 9, 16 dez. 1946. [Rubens Borba explica as mudanças ocorridas em vários setores da Biblioteca Nacional e seus planos para o futuro].

MORAES, Rubens Borba de; BERRIEN, William. *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*. Sob a direção de Rubens Borba de Moraes e William Berrien. Rio de Janeiro: Ed. Souza, 1949. 895 p.

MORAES, Rubens Borba de. Conceituados no exterior os bibliotecários brasileiros. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 ago. 1954.

MORAES, Rubens Borba de. Conversa de porta de livraria. In: Raridades para bibliófilos: assuntos fora do comum do séc. XV ao XIX. Rio de Janeiro: *Kosmos*, 1960. p. 1-4. Título da capa: Catálogo 205-1960. [Sobre as livrarias no Brasil, especialmente do papel da Livraria Kosmos nos seus 25 anos de trabalho em prol da cultura].

IZAR, Margarida. “Louco seria se eu não desse por ela, hoje, um milhão de cruzeiros”. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 13 abr. 1962. Seção 2, última página. [Entrevista com Rubens Borba de Moraes]. “O sr. Rubens Borba de Moraes, o homem que escreveu a *Bibliografia Brasileira* (bíblia dos livreiros antiquários do mundo), justifica a valorização inédita de livros antigos sobre a nossa história”.

MORAES, Rubens Borba de. Memórias de um sobrevivente de Klaxon. *Anhembi*, São Paulo, v. 12, n. 138, p. 492-502, maio 1962.

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz: prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras antigas ou modernas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965. 198 p. [Outras edições: 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975. 187 p.].

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial: catálogo comentado das obras dos autores nascidos no Brasil e publicados antes de 1808*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969. 437 p.

MORAES, Rubens Borba de. Relatório do diretor da Divisão de Preparação da Biblioteca Nacional ao Ministro da Educação e Saúde (março 1945). *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 2, n. 1, p. 91-106, jan./mar. 1974.

MORAES, Rubens Borba de. Relatório do diretor da Biblioteca Nacional ao Ministro da Educação e Saúde relativo ao exercício de 1946. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 2, n. 2, p. 203-231, jul./dez. 1974.

MORAES, Rubens Borba de. Discurso pronunciado na sessão de abertura do 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. *Revista de*

*Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 5, n.1, p. 9-13, jan./jun. 1977. [Discorre sobre o papel dos bibliotecários na realidade brasileira].

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. *Depoimento sobre a Biblioteca Pública Municipal de São Paulo*. Bragança Paulista, 7 set. 1978. 14 f. [Entrevista com Rubens Borba de Moraes, na qual rememora a Divisão de Bibliotecas do Departamento de Cultura].

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979. 234 p.

SOUZA, Sebastião de. *A biblioteconomia e a bibliografia no Brasil*. Bragança Paulista, 1980. 16 p. [Entrevista com Rubens Borba de Moraes, na qual discorre sobre o Departamento de Cultura, bibliotecas e bibliografia].

MORAES, Rubens Borba de. *Aspectos históricos da biblioteca Mário de Andrade e o papel do Dr. Rubens na biblioteconomia brasileira*. Entrevistadora: May Brooking Negrão. Bragança Paulista, SP, 1983. 1 fita cassete (50 min).

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliographia brasiliiana: a bibliographical essay on rare books about Brazil published from 1504 to 1900 and works of Brazilian authors published abroad before the independence of Brazil in 1822*. 2nd ed. rev. and enlarged. Los Angeles: UCLA Latin American Center Publications; Rio de Janeiro: Kosmos. 1983. 2 v.

MORAES, Rubens Borba de. Sai a segunda edição (em inglês) da “Bibliographia brasiliiana”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 fev. 1983. [Notícia a nova edição da obra e Rubens Borba de Moraes indica como e porque chegou ao ramo da bibliografia].

DANTAS, Maria Regina. *Entrevista com Rubens Borba de Moraes*. Bragança Paulista, SP, 19 set. 1983. 30 f. [Transcrição de uma gravação sonora de 2 fitas, onde Rubens Borba de Moraes fala a Regina Maria Dantas sobre sua vida profissional e especialmente do tratamento de obras raras em bibliotecas].

MARINHO, Terezinha. *Entrevista [com Rubens Borba de Moraes]*. Rio de Janeiro, Fundação Nacional Pró-Memória, 1987. 48 p. (Memória oral, 2. Depoimento de Rubens Borba de Moraes). [Entrevista realizada em Bragança Paulista em 22/10/1902].

### *Para uma bibliografia mais completa, conferir:*

BANDEIRA, Suelena Pinto Bandeira. *A paixão que vem dos livros: um estudo biográfico sobre Rubens Borba de Moraes*. 1990. 308 f. Dissertação (Mestrado

em Biblioteconomia e Documentação)—Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Departamento de Biblioteconomia, Universidade de Brasília, Brasília, 1990. Orientação: João Evangelista de Andrade Filho.

BANDEIRA, Suelena Pinto. *O mestre dos livros: Rubens Borba de Moraes*. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

## Anexo 2

### *Cronologia Rubens Borba de Moraes*

- 1909 – Segue para Paris onde cursa o *huitième*, último ano do curso primário; depois, vai para Genebra, na Suíça, para fazer o curso secundário.
- 1919 – Retorna ao Brasil.
- 1922 – Participa da Semana de Arte Moderna.
- 1922 – Cria a revista modernista *Klaxon*.
- 1929 – Revolução de 1930; segue para Buenos Aires para convidar Luis Carlos Prestes a participar dessa Revolução
- 1929 – Cria o partido político “Democrático”.
- 1932 – Participa da Liga de Defesa Paulista e luta na Revolução de 1932.
- 1934 – Cria a Escola Livre de Sociologia e Política, mais tarde incorporada à USP.
- 1935 – Cria o Departamento de Cultura e Recreação da cidade de São Paulo, sendo responsável pela Divisão de Bibliotecas.
- 1936 – Cria a primeira escola de Biblioteconomia do Brasil.
- 1938 – Cria a legislação bibliotecária, a Associação Paulista de Bibliotecários e o Conselho de Bibliotecários do Estado.
- 1943 – Demitido do Departamento de Cultura pelo prefeito Prestes Maia.
- 1945 – Nomeado diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
- 1947 – Demitido da Biblioteca Nacional
- 1948 – Aceita trabalhar na seção de processamento da Biblioteca da ONU, em Nova Iorque.
- 1949 – Diretor do Centro de Informações da ONU, em Paris.



1963 – Aceita o convite da Universidade de Brasília para integrar o Conselho Consultivo da Biblioteca Central.

1972 – Regressa a São Paulo e vai morar em Bragança Paulista.



Rubens Borba de Moraes em sua casa de Bragança Paulista, SP (16 de fevereiro de 1982).